



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Entrevista com o historiador brasilianista Carlos E. Cortés, autor de *Gaucho Politics in Brazil*

Rafael Saraiva Lapuente¹

Dr. Carlos E. Cortés é Professor Emérito de História da Universidade da Califórnia, em Riverside. Desde 1990, ele atuou na faculdade de verão do Instituto de Harvard para o Ensino Superior, a partir de 1995, e no corpo docente do Instituto de Verão para a Comunicação Intercultural, e de 1999 em diante foi membro adjunto do corpo docente do Executivo Federal. Seu mais recente livro é sua autobiografia, *Rose Hill: An Intermarriage Before Its Time* (Berkeley/California: Heyday, 2012).

Cortés possui 106 obras publicadas, duas delas premiadas. Entre sua produção, destacamos, aqui, sua tese de doutorado, intitulada *Gaucho Politics in Brazil*, resultado de pesquisa realizada em Porto Alegre em 1966 e 1967, abrangendo o período de 1930 a 1964 na política do Rio Grande do Sul. Nos Estados Unidos, sua tese foi publicada em livro em 1974 e teve sua primeira e única tradução para o português apenas em 2007, apesar de já ser bastante conhecida pela historiografia gaúcha.

Nessa entrevista, procuro conhecer um pouco mais do historiador brasilianista, quase 50 anos após concluir sua tese de doutorado, ainda hoje, um clássico sobre a política do Rio Grande do Sul. Ela foi realizada em duas etapas, uma com dez perguntas e a outra com três, por e-mail, nos dias 2 e 8 de abril de 2015. Por opção do entrevistado, as perguntas foram feitas em inglês e traduzidas por mim. Procurei, na transição, manter com o máximo de fidelidade as palavras do autor.

Rafael Saraiva Lapuente: O que atraiu você a pesquisar a política gaúcha no Rio Grande do Sul no período de 1930-1964?

Eu estava na escola de pós-graduação da Universidade do Novo México, de 1962 a 1965. A maioria dos meus amigos eram estudantes de história e literatura latino-americana na pós-graduação, por isso, passamos muito tempo pensando e falando sobre América Latina. Durante esse período, João Goulart foi presidente do Brasil, até sua derrubada em 1964. Isso levantou uma dúvida: como é que este estado, o Rio Grande do Sul, acabou vindo a ocupar a presidência por tantos anos (Getúlio Vargas, 1930-1945, 1950-1954, e João Goulart, 1960-1964)? Essa pergunta que me levou a concentrar a pesquisa sobre o Rio Grande do Sul.

¹ Mestrando em História na PUC-RS. Contato: faelvocal@gmail.com

RSL: Qual o nível de importância que você avalia ter esta pesquisa fora do seu país de origem na década de 1960 (no Brasil, chamamos de Doutorado Sanduíche), com todas as diferenças culturais que você teve que enfrentar, tanto na sua vida como pesquisador e professor?

Pura e simplesmente, não há nada comparável com essa experiência fabulosa de viver e fazer pesquisa em outra cultura, particularmente com um idioma diferente. Morar no Brasil me fez uma melhor pessoa, um pensador mais aberto, e um professor mais competente.

RSL: Compartilhe conosco alguns detalhes de sua mudança para o Rio Grande do Sul na década de 1960, como as impressões que teve do estado, os arquivos e as pessoas que contribuíram para a sua pesquisa. Que impressões, mais de 50 anos depois, você ainda tem do Brasil em geral e do Rio Grande do Sul em particular.

Tenho lembranças absolutamente maravilhosas do meu tempo no Brasil, incluindo os muitos amigos que eu fiz. Desde que deixei o Brasil em outubro de 1967, eu voltei apenas duas vezes, uma vez para um período de férias no Rio e uma vez para uma turnê de palestras, que me levou para o Rio, São Paulo, Assunção e Montevideú. No entanto, eu nunca mais visitei o Rio Grande do Sul, desde 1967.

RSL: Quais foram as fontes que você usou para a sua pesquisa e qual considera que trouxe maior contribuição para este trabalho?

Talvez o aspecto mais original da minha pesquisa foi “tropeçar” em arquivos pessoais que nunca foram pesquisados por nenhum historiador. Particularmente, uma grande felicidade na pesquisa foi ter descoberto e sido o primeiro pesquisador a usar os arquivos pertencentes a Lindolfo Collor e a Rony Lopes de Almeida.

Devo acrescentar que o último arquivo eu tive grande sorte em encontrar. Visitando uma praia do Rio Grande do Sul, acabei sentando ao lado de um homem que se apresentou como Rony Lopes de Almeida. Quando lhe perguntei se ele era o Rony Lopes de Almeida que se exilou no Uruguai em 1932, ele respondeu que sim. Enquanto conversávamos, ele mencionou que havia entrevistado muitos dos outros exilados, e planejava publicar as entrevistas em um livro, mas nunca o fez. Ainda assim, teve a generosidade de me emprestar aquelas entrevistas para levá-las ao meu apartamento para ler e fazer anotações.

Por outro lado, eu não diria que estes arquivos trouxeram as maiores contribuições para o meu trabalho. No entanto, descobrir e trabalhar com esses arquivos certamente está entre os aspectos mais memoráveis da minha pesquisa quando estive no Brasil.

RSL: Você cita no livro *GAUCHO POLITICS IN BRAZIL* (Política Gaúcha) entrevistas com figuras políticas importantes do período, como Raul Pilla, Moysés Velinho, Dario Crespo, Luiz Aranha, Walter Peracchi Barcellos, Leda Collor de Melo e outros, hoje todos falecidos. Essas entrevistas estão com você ou foram doadas para algum arquivo no Brasil ou nos Estados Unidos?

Para ser honesto, eu não sei. Eu não olho para o material de pesquisa do livro há cerca de quarenta anos, e não devo ter guardado as minhas anotações das entrevistas por tanto tempo. Se elas ainda existem, elas estão, provavelmente, no meu escritório ou no depósito da minha garagem, mas eu não posso afirmar com certeza. Eu não acho que elas seriam muito importantes, pois as entrevistas se constituem são notas bastantes vagas, pois realizei todas elas à mão, e não com um gravador de fita ou computador.

RSL: Qual foi o personagem da política do estado que mais lhe chamou a atenção e por quê?

Um dos aspectos mais notáveis do Rio Grande do Sul foi a sua singularidade e sua vontade de levantar-se contra o governo federal durante esse recorte de pesquisa. Por exemplo: a Revolução de 1930; o embate entre o governador Flores da Cunha e Presidente Getúlio Vargas, e a resistência do Rio Grande contra a tentativa de golpe militar na década de 1960, sob liderança do Governador Leonel Brizola.

RSL: Sobre a historiografia gaúcha, tem algum trabalho ou algum historiador que tenha como referência e indicaria a leitura, mesmo depois de quase 50 anos de seu trabalho ?

Eu tentei ler tudo o que podia sobre a história do Rio Grande do Sul. Isto incluiu ficção (como Érico Veríssimo) e pequenos livros sobre indivíduos específicos, muitos dos quais eu encontrei em bibliotecas de Porto Alegre. Eu também passei um tempo considerável me dedicando à leitura de jornais diários, particularmente em Porto Alegre, e lendo correspondências e diários pessoais nos vários arquivos listados no meu livro. Os arquivos foram a parte mais agradável da minha pesquisa, porque essas cartas me ajudaram a ter uma noção do estado de espírito e as perspectivas dos vários atores políticos.

RSL: Aqui no Brasil, nós chamamos de “*brasilianistas*” os autores estrangeiros que pesquisam a história do Brasil. Há muitos estudos em universidades norte-americanas sobre o Brasil? Você tem/teve algum contato com outros brasilianistas, como Joseph Love, Robert Levine e Thomas Skidmore?

Sim, mas não tive um contato muito regular. Devido às circunstâncias, a minha pesquisa focando o Brasil terminou em 1970 e voltei minha atenção para outros temas.

RSL: Thomas Skidmore pesquisou a política brasileira de 1930-1964 com *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)* e posteriormente trabalhou o período da ditadura militar em *Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985)*. Nunca pensou em fazer uma continuação do seu trabalho sobre a política gaúcha, como Skidmore fez?

O meu trabalho acadêmico sobre o Rio Grande do Sul terminou com dois livros (*Política Gaúcha* e uma bibliografia de história do Rio Grande do Sul, coeditado com Richard Kornweibel – CORTES, Carlos E; KORNWEIBEL, Richard. ***Bibliografia da História do Rio Grande do Sul: Período Republicano***. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1967) e publiquei vários artigos sobre o tema. Desde então, a maior parte da minha pesquisa tem se preocupado com temas como relações interculturais, etnia nos Estados Unidos e o tratamento da mídia da diversidade (por favor, veja a biografia de acompanhamento).

No entanto, eu continuava ensinando História do Brasil na Universidade da Califórnia, Riverside, e em minhas palestras públicas. Eu, às vezes, mencionava minhas experiências no Brasil.

RSL: Nos últimos anos, poucos estudos sobre a política brasileira foram produzidos nos Estados Unidos, em comparação com as décadas de 1960-1980. Na sua avaliação, o que levou tantos trabalhos serem publicados neste período e o posterior declínio de interesse?

Ocorreu um grande *boom* nos Estudos sobre a América Latina na década de 1960. Isto foi causado, em parte, por conta da Guerra Fria com a União Soviética, particularmente após Castro tomar o poder em Cuba, em 1959. O governo dos EUA estabeleceu um programa federal na graduação (e esse programa me auxiliou durante meus três anos de graduação na Universidade do Novo México) e a Fundação Ford também tinha um programa de incentivo a pesquisa nesta área (que cobriu minha pesquisa no Brasil).

Meu interesse pessoal na América Latina e minha fascinação com o Brasil ocorreram no período de 1959-1961, tempo em que servi de editor de uma cadeia de jornais em Phoenix, Arizona. Em um de meus artigos, eu entrevistei um senhor chamado William Lytle Schurz, diretor da área de estudos externos do Instituto Americano para o Comércio exterior – um dos pioneiros nos estudos sobre o Brasil nos EUA. Ele se tornou meu mentor informal, e me inspirou a retornar a universidade para me especializar em Brasil.

Quanto ao declínio do interesse da academia dos EUA sobre o Brasil desde 1980, eu realmente não sei. Meu foco agora é outro.²

² A tradução da resposta de Carlos E. Cortés para o português, nesta pergunta, contou com o auxílio de Waldemar Dalenogare Neto, mestrando em História do Programa de Pós Graduação em História da PUCRS.

RSL: As obras de brasilianistas oscilam muito no que tange em sua tradução para o português. Alguns, como Joseph Love e Thomas Skidmore, logo que foram publicados já tiveram uma edição em português. Outros, alguns até mesmo utilizados em sua tese, como a biografia de Theodore Berson sobre Oswaldo Aranha, Stuart Rothwell pesquisando a zona colonial italiana no Rio Grande do Sul (pouco conhecido no Brasil) ou Joan Bak sobre a economia rio-grandense (1890-1937) nunca ganharam uma edição em português. Até mesmo o seu trabalho, já bastante conhecido e discutido em obras importantes da historiografia regional, levou 40 anos para ganhar uma tradução. Como você vê essa "barreira" que muitas vezes dificulta o acesso ao trabalho de pesquisadores estrangeiros?

Essa é uma pergunta fascinante, mas eu não teria uma resposta muito precisa. Na verdade, eu não sei exatamente por qual motivo o meu livro foi selecionado para a tradução e publicação no Brasil, enquanto outros livros ainda não. Como dizemos nos Estados Unidos, é "*a sorte do sorteio*".

Eu imagino que a questão financeira tem relação com as poucas traduções. Mesmo editoras universitárias têm de calcular se vale ou não vale a pena o tempo, esforço e custo para traduzir e publicar um livro. Mas eu estou feliz que o meu foi escolhido e que pessoas como você tenham encontrado meu trabalho.

RSL: Você pode descrever como ocorreram os contatos para seu livro poder ser traduzido e editado pela EdiPUCRS em 2007?

Essa decisão foi tomada em Porto Alegre. Em 2001, recebi uma carta de René Gertz (que escreveu a Apresentação, na versão traduzida) sobre a possibilidade de traduzir e de publicar o meu livro, no qual eu alegremente aceitei. No entanto, os detalhes do contrato foram tratados principalmente entre PUCRS e University of New Mexico Press, que publicou o meu livro em inglês. Eu não revi a tradução antes da PUCRS publicá-la.

RSL: E Carlos E. Cortes hoje, quase 50 anos depois?

Fico agradecido pela pergunta! Na verdade, eu estou muito bem. Acabei de fazer 81 anos, estou em excelente estado de saúde (ainda consigo competir em corridas de 5 quilômetro), e estou feliz com meu casamento. Temos três filhas e seis netos, dos quais três estão na faculdade. Eu ainda sou muito ativo como escritor, consultor público e conferencista, inclusive em navios de cruzeiro. Em outubro de 2013, um cruzeiro para a Turquia e Grécia, durante o qual eu dei palestras sobre o navio, tinha várias centenas de passageiros brasileiros, que me deu a oportunidade de falar português durante duas semanas.

Minha maior publicação dos últimos anos foram quatro volumes de uma enciclopédia, chamada *Multicultural America: A Enciclopédia Multimídia* (Sage, 2013). No entanto, hoje

eu sou certamente mais conhecido por minha atuação como Consultor Criativo/Cultural para três séries infantis da Nickelodeon "*Dora the Explorer*"; "*Go, Diego, Go!*" e "*Dora and Friends: Into the City*".

Tenho também me envolvido em teatro e escrita criativa. Eu escrevi uma peça autobiográfica, "*Uma Conversa com Alana: One Boy Multicultural Rite of Passage*", que já se apresentou mais de 130 vezes nos Estados Unidos. Eu tenho também que concluir meu primeiro romance e primeiro livro de poesia.

Eu gostei bastante dessa entrevista, pois trouxe de volta lembranças maravilhosas e me deu saudades de ver Porto Alegre novamente, enquanto eu ainda tenho saúde, embora eu não saiba se alguns dos meus velhos amigos ainda estão lá. Talvez você pudesse me ajudar a localizá-los, se eles ainda estão por aí.

Os melhores cumprimentos em seu trabalho e vida.

Carlos E. Cortés

Recebido em: 10.05.2015. Aprovado em 01.09.2015